

Autismo e educação musical

Hendy Anna Oliveira Gomes

Sedu – Secretaria de Estado da Educação

Hendy30@gmail.com

Resumo: O objetivo deste artigo é investigar, por meio do estudo de livros dedicados ao tema, os processos de aprendizagem e desenvolvimento, sobretudo no que tange à música, de crianças com Transtorno do Espectro do Autismo. São destacados mecanismos de interação e relações de avanço cognitivo, psicomotor e afetivo, possibilitados por meio da Educação musical. Esclarece-se ainda a diferença entre Educação Musical e Musicoterapia. Conclui-se que a música é fundamental, sobretudo, pela sua função socializadora que contribui no desenvolvimento e formação integral do indivíduo. Além disso, ela possibilita o despertar de habilidades e condutas na criança, levando-a a sentir-se sensibilizada pela música, valendo-se da criação e da livre expressão.

Palavras-chave: Educação musical; autismo; aprendizagem.

Introdução

No processo de ensino e aprendizagem há questões difíceis de serem resolvidas e uma delas permeia a Educação Especial na qual encontramos alunos com deficiências de toda ordem. Crianças autistas apresentam dificuldades na interação social, no brincar e na comunicação, entre outros. Segundo Cunha:

[...] a pessoa com autismo passa a ter uma relação singular com tudo que é externo. Fixa-se em rotinas que trazem segurança, não interage normalmente com pessoas, inclusive com os pais, nem manuseia objetos adequadamente, gerando problemas na cognição, com reflexos na fala, na escrita e em outras áreas. Aprende de forma singular. Há uma relação diferente entre o cérebro e os sentidos, e as informações nem sempre geram conhecimento. (CUNHA, 2013, p.28).

A Educação Musical, por sua vez, oportuniza diversas possibilidades de aprendizagem, comunicação, exploração, improvisação, criação, produção, promovendo o desenvolvimento integral do ser humano por meio dos sons, dos jogos, do lúdico, dos instrumentos musicais. Sendo assim, Victório pontua que:

Na educação Musical, o estímulo à pesquisa sonora vinculada ao contexto afetivo do indivíduo, visa à ampliação do universo sonoro, considerando as possibilidades instrumentais, corporais e vocais. Posto que o tocar e o ouvir um instrumento, bem como a voz que fala, canta, imita, inventa, movimentase no corpo e no ambiente, são elementos de aprendizagem, criação, invenção e ação que motivam e ativam a expressão, favorecendo as relações em seus diversos níveis. (VICTÓRIO, 2011, p. 33).

O ensino de música ao aluno autista deve acontecer para que o mesmo possa juntamente com as demais disciplinas do currículo escolar se desenvolver e experimentar tudo que a Música pode oferecer. Neste sentido, Louro enfatiza:

Não é necessário, portanto, reservar o ensino de música para pessoas com deficiência somente a instituições especializadas ou direcioná-las unicamente com intenções terapêuticas, pois assim estaremos negando o princípio da inclusão social de um contingente expressivo de alunos e, quem sabe, possíveis profissionais da música. Portanto, as escolas e os professores de música precisam estar sensíveis e preparados para compreender a diversidade de nossa população. (LOURO, 2006, p.30)

Características do Autismo

O autismo é um transtorno global do desenvolvimento (também chamado Transtorno do Espectro Autista) caracterizado por alterações significativas na comunicação, na interação social e no comportamento da criança. Essas alterações levam a importantes dificuldades adaptativas e aparecem antes dos 03 anos de idade, podendo ser percebidas, em alguns casos, já nos primeiros meses de vida. As causas ainda não estão claramente identificadas, porém já se sabe que o autismo é mais comum em crianças do sexo masculino e independente da etnia, origem geográfica ou situação socioeconômica.

Conforme Rivière (apud COLL, MARCHESI, PALÁCIOS, 2004, p. 238) a definição do autismo permanece até nossos dias com seus três eixos de transtornos: qualitativo da relação, alterações da comunicação e da linguagem, e a falta de flexibilidade mental e comportamental.

Existem ainda outras características como: hiperatividade, âmbitos atencionais muito breve, impulsividade, agressividade, condutas autolesivas e, particularmente nas crianças, acessos de raiva. Podem acontecer reações estranhas a estímulos sensoriais. Por exemplo,

patamares elevados à dor, hipersensibilidade aos sons ou aos odores, fascinação por certos estímulos. Conforme Rivière (apud COLL, MARCHESI, PALÁCIOS, 2004, p. 238).

Atualmente não existe “cura” do autismo, embora possa haver uma melhora muito significativa, graças, sobretudo, ao trabalho paciente da educação. Um dos fatores que interferem na natureza e expressão concreta das alterações dos autistas é a adequação e eficiência dos tratamentos utilizados e das experiências de aprendizagem.

RODRIGUES (2010, p. 20) aponta que o Autismo bem como outras síndromes e deficiências ainda são cercados por atitudes de discriminação e preconceito que envolvem o desconhecido e a desinformação.

Ensino para o aluno autista

Para uma aprendizagem sem erros aos autistas, é necessário, ainda, segundo Rivière (apud COLL, MARCHESI, PALÁCIOS, 2004, p. 252), isto:

1. Assegurar motivação;
2. Apresentar as tarefas somente quando a criança atende, e de forma clara;
3. Apresentar tarefas cujos requisitos já foram adquiridos antes e que se adaptam bem ao nível evolutivo e às capacidades da criança;
4. Empregar procedimentos de ajuda;
5. Proporcionar reforçadores contingentes, imediatos e potentes.

Esse autor ressalta ainda que as crianças autistas exigem um acompanhamento dedicado e prolongado, por parte da pessoa encarregada de orientação psicopedagógica no que se refere às atividades de sensibilização dos professores, relação estreita com as famílias, formação e sensibilização dos próprios colegas destas crianças. Ele salienta:

É importante que esse mundo seja o menos restritivo possível. As pesquisas dos últimos anos sobre os efeitos da integração no desenvolvimento de crianças autistas apresentam dados promissores: as crianças integradas estabelecem relações que lhes oferece oportunidades de adquirir habilidades sociais e comunicativas, estão constantemente expostas a modelos de iguais que lhes proporcionam caminhos para aprender, generalizam com mais

facilidade suas aquisições educacionais e aumentam suas probabilidades de uma maior ajuste social a longo prazo (COLL, MARCHESI, PALACIOS, 2004, p. 253).

Aprendizagem em música

Beatriz Ilari, em seu artigo “A música e o desenvolvimento da mente no início da vida: investigação, fatos e mitos”, afirma que:

A música tem valor próprio e há muitas razões que justificam sua inserção na escola. Em primeiro lugar, a música constitui uma importante forma de comunicação e expressão humana e praticamente todos os povos do mundo possuem algum tipo de música (Ilari & Majlis, 2002; Trehub & Schellenberg, 1995). Em segundo lugar, a música carrega traços de história, cultura, e identidade social, que são transmitidos e desenvolvidos através da educação musical. Em terceiro lugar, o fazer musical da aula de música envolve diversas formas de aprendizagem contidas em atividades como audição, canto, representação, reprodução, criação, composição, improvisação, movimento, dança e execução instrumental entre outras. Todas estas atividades auxiliam no desenvolvimento da inteligência musical (veja Gardner, 1983). Além disso, no exercício dessas formas de aprendizagem os alunos podem ter uma sensação de realização pessoal, de bem estar e de prazer que resulte naquilo que Csikszentmihalyi (1990) chamou de fluxo (ILARI, 2005, p. 56).

Em relação à apreciação musical, Stiff (2009) (apud BEYER, KEBACH, 2009, p. 35), no livro *Pedagogia da Música*, aponta para a possibilidade das crianças construírem esquemas mentais que oportunizem novas produções sonoras, favorecendo assim, organizações posteriores como, forma, timbres, ritmos, intensidades e variações na dinâmica para obtenção de resultados em execuções ou criações.

Segundo Álvares (2009, p. 363), a educação musical pode contribuir significativamente para o desenvolvimento global (musical, social, motor, emocional e cognitivo) da criança com necessidades educacionais especiais. A autora também destaca que os jogos e as brincadeiras musicais, por propiciarem constantes interações, podem ser instrumentos de inclusão destas crianças que são frequentemente excluídas dos grupos sociais.

A educação musical nas escolas regulares, por sua vez, está ainda longe de atingir seu ideal, mas as formas de educação hoje colocadas à disposição dos professores e alunos, superam a noção de que apenas quem tem habilidades específicas conseguirá ser

musicalizado. O ensino de música caminha em direção ao fazer musical criativo, à escuta musical crítica e esses conhecimentos são acessíveis a todos os indivíduos, indistintamente (GONÇALVES, 2006, p. 29).

Para Gainza (apud VICTÓRIO, 2011, p.27), psicóloga social e pedagoga musical argentina, as atividades musicais podem ter objetivos profiláticos nos aspectos físicos, por oferecerem atividades capazes de promover alívio do estresse e das tensões devidas à instabilidade emocional e fadiga psíquica; por promover processos de expressão, comunicação e descarga emocional por meio do estímulo musical e sonoro; por proporcionar situações que possam contribuir para estimular e desenvolver o sentido da ordem, da harmonia, da organização e da compreensão. A música, assim, engloba níveis físicos, psíquicos e emocionais, apresentando-se como integradora das funções e dos sentidos da vida do indivíduo.

Porém, isto não permite confundir educação musical com musicoterapia, como muitos insistem em fazê-lo.

A educação musical tem como foco, sobretudo, a aprendizagem relacionada ao fazer musical, bem como aos conceitos estéticos e teóricos desta mesma. Projeta um resultado de cunho musical, seja o aluno portador ou não de alguma deficiência. O importante é o contato com a música, a sensibilização e conscientização do universo sonoro.

Em relação à musicoterapia, Benenzon, define:

A Musicoterapia é o campo da medicina que estuda o complexo som-ser humano-som, para utilizar o movimento, o som e a música, com o objetivo de abrir canais de comunicação no ser humano, para reproduzir efeitos terapêuticos, psicoprofiláticos e de reabilitação no mesmo e na sociedade. (BENZON, apud, BENENZON, 1988, p.11)

Em relação ao ensino de música para pessoas com deficiência, temos ideias equivocadas recaindo sobre o professor de música como a de qualificá-lo de musicoterapeuta ou de praticar a “educação musical especial”, um modelo de educação não existente no Brasil. Dessa forma, a educação musical que se propõe é aquela que não distingue o sujeito que se educa, mas os recursos e as formas como o conhecimento é transmitido ou o saber musical é apropriado pelo aluno (LOURO, 2006, p. 35).

Louro assinala ainda que:

A educação musical [...] educa e reabilita a todo o momento, uma vez que afeta o indivíduo em seus aspectos principais: físico, mental, emocional e social. Isso não significa que a musicoterapia seja desnecessária ou que seja o mesmo que educação musical. [...] no decorrer do processo de aprendizagem, o aluno tem a possibilidade de entrar em contato consigo mesmo, no momento em que se depara com os obstáculos e conquistas do fazer musical. Dessa maneira, encontra-se diante da possibilidade de trabalhar de forma objetiva suas dificuldades e limitações; de descobrir nesse processo suas capacidades e talvez perceber que o limite pode ser a mola propulsora para sua realização pessoal, seja ela musical ou de outra natureza. Essa é a grande contribuição da educação musical no processo do desenvolvimento humano (LOURO, 2006, p.28).

Pensando na qualidade da aprendizagem, Louro (2003, p) defende esta tese: para que o portador de necessidades especiais possa ter acesso à educação musical de forma satisfatória é preciso que:

- as escolas ultrapassem as barreiras do preconceito;
- haja investimento na formação do professor, que inclui material didático específico, adaptações ou recursos alternativos;
- haja adaptação arquitetônica do local, garantindo não apenas a acessibilidade física do aluno, como também o seu próprio fazer musical.

Conclusão

O problema da educação das crianças autistas não pode ser compreendido apenas em termos econômicos. Trata-se, na realidade, de um problema essencialmente qualitativo. De acordo com Rivière (apud COLL, MARCHESI, PALÁCIOS, 2004, p.254), “a alienação autista do mundo humano é um desafio sério, pois nosso mundo não seria propriamente humano se aceitasse passivamente a existência de seres que, sendo humanos, são alheios”.

Relacionando autismo e educação musical desta forma, observa-se um futuro promissor, uma vez que o autismo requer do sistema educacional diversidade e personalização, e a Educação Musical já demonstrou promover a autonomia do indivíduo, além de contribuir para a ativação de processos conscientes e criativos, tanto na aprendizagem cognitiva quanto afetiva, revelando valores de humanidade intrínsecos à natureza do Homem,

considerando a sua relação com o outro em um viver harmonioso e solidário, onde a paz e ao bem-estar sejam plenamente cultivados.

Referências

ÁLVARES, T. B. S. *Aulas de música para crianças surdas como meio de estimulação do desenvolvimento musical e global de crianças de 0 a 3 anos*. In: V Simpósio de Cognição e Artes Musicais - Internacional, 2009, Goiânia. Anais do V Simpósio de Cognição e Artes Musicais – Internacional, 2009.

BENENZON, Rolando. *Teoria da musicoterapia: contribuição ao contexto não-verbal* [tradução de Ana Sheila M. de Uricoechea]. São Paulo: Summus, 1988.

BEYER, Ester ; KEBACH, Patrícia. *Pedagogia da Música: experiências de apreciação musical*. Porto Alegre: Mediação, 2009.

COLL, César; MARCHESI, Álvaro; e PALÁCIOS, Jesús. *Desenvolvimento Psicológico e Educação*. (Trad.) Fátima Murad – 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

CUNHA, Eugênio. *Autismo na Escola*. RJ: Wak, 2013.

GAINZA, Violeta Hensy de. *La Iniciación Musical Del Niño*. Buenos Aires: Ricordi, 1977.

_____. *Estudos de Psicopedagogia musical*. Tradução de Beatriz C. Canabrav. São Paulo: Summus, 1988.

ILARI, Beatriz S. *A música e o desenvolvimento da mente no início da vida: investigação, fatos e mitos*. In: 1º Simpósio Internacional de Cognição e Artes Musicais (SINCAM), 2005, Curitiba. Anais do 1º Simpósio de Cognição e Artes Musicais. Curitiba, PR : Editora do De Artes, 2005. v. 1, p. 54-61.

LOURO, Viviane dos Santos. *As características que norteiam a educação musical inclusiva de portadores de deficiência*. In: Revista nacional de reabilitação. Maio/Junho de 2003, Ano VI, n 32, p. 2-3.

_____. *Educação musical e deficiência: propostas pedagógicas*. São Paulo: Ed. do Autor, 2006.

RODRIGUES, Janine Marta Coelho. *A Criança Autista*. Rio de Janeiro: Walk, 2010.

VICTÓRIO, Márcia. *O bê-a-bá do dó-ré-mi: reflexões e práticas sobre educação musical nas escolas de ensino básico*. Rio de Janeiro, Wak, 2011.